



Ano 12, Vol XXII, Número 1, Jan-Jun, 2019, p. 336-345.

A RELAÇÃO ENTRE GESTÃO DO TEMPO E PRÁTICAS DOCENTES: REFLEXÕES DE UM ESTAGIÁRIO DE LETRAS

Rosivanda da Silva Alves

Maria Helena Rodrigues Chaves

RESUMO: O trabalho discute duas questões percebidas durante o Estágio Supervisionado II: Língua Portuguesa e suas Literaturas no Ensino Fundamental, realizado em uma escola pública do interior do Pará. Tem o objetivo de contribuir com os estudos acadêmicos que entendem o Estágio Supervisionado como lugar de pesquisa (PIMENTA, 2006; AZEVÊDO, 2015; TARDIF & LESSARD, 2007; ZABALA, 1998), em que a formação docente se dá pela reflexão teórico-prática. De acordo com essa concepção, as categorias “gestão do tempo” e “práticas docentes”, analisadas neste estudo, foram constituídas em campo de estágio-pesquisa, durante o período de observação das aulas de uma professora de língua portuguesa, para turmas de 7º e 8º ano. Quanto ao aspecto metodológico, o estudo inscreve-se na etnografia da prática escolar, conforme teorizada por André (1995). A análise considera a recíproca dependência existente entre o tempo em sala e o método utilizado para um melhor ensino-aprendizado. Desse modo, a análise da relação entre gestão de tempo e práticas realizadas, permite reflexões a respeito do desempenho do professor na gestão do tempo didático, da aprendizagem dos alunos, da assiduidade do professor e da divisão de horas /aula que a escola propõe.

Palavras-chave: Estágio supervisionado. Gestão do tempo. Ensino-aprendizagem. Contexto escolar.

ABSTRACT: The paper discusses two issues perceived during Supervised Internship II: Portuguese Language and its Literatures in Primary Education, carried out in a public school in the interior of Pará. Its objective is to contribute to the academic studies that understand the Supervised Internship as a research place (PIMENTA, 2006; AZEVÊDO, 2015; TARDIF & LESSARD, 2007; ZABALA, 1998). In this context, the teacher training is given by theoretical-practical reflection. According to this conception, the categories "time management" and "teaching practices", analyzed in this study, were constituted in the field of research-stage, during the observation period of the classes of a Portuguese-speaking teacher, for classes of 7º and 8º year. As for the methodological aspect, the study is inscribed in the ethnography of school practice, as theorized by André (1995). The analysis considers the reciprocal dependence between classroom time and the method used for better teaching-learning. Thus, the analysis of the relationship between time management and practices, allows reflections on the performance of the teacher in the management of teaching time, student learning, teacher attendance and the division of hours / class that the school proposes.

Keywords: Supervised internship. Time management. Teaching-learning. School context.

1 INTRODUÇÃO

A gestão de tempo é um dos problemas mais comuns que tenho percebido na escola, no decorrer de dois anos em que tenho desempenhado atividades de ensino nesse ambiente. A forma como o professor gerencia o seu tempo em sala de aula, é um fator importante, porque influencia diretamente no ensino-aprendizado dos alunos. É, também, um dos desafios essenciais que os professores enfrentam, já que precisam se adequar à organização do tempo da escola. Assim, na intenção de garantir o ensino do conteúdo curricular programado e, talvez, promover a aprendizagem dos alunos, os professores tendem a buscar práticas didáticas problemáticas, que evidenciam a dependência entre o tempo em sala de aula e os métodos adotados pelo professor.

Embora os debates sobre o trabalho docente já tenham tradição na literatura acadêmica, poucos estudos investigam as práticas de ensino no viés da sua inter-relação com a organização do trabalho pedagógico nas escolas. Assim, na intenção de refletir acerca da gestão do tempo e sua influência nas práticas do professor, em sala de aula, embasamo-nos em PIMENTA (2006), que reconhece o Estágio Supervisionado como campo de pesquisa, em que o estagiário deve se construir como professor crítico-reflexivo, assumindo posturas e habilidades de pesquisador; em AZEVÊDO (2015), que entende a gestão do tempo a partir de dois polos: o do tempo escolar e o do tempo institucional, entendido este, como aquele que se relaciona ao trabalho acadêmico. Para a autora, esses dois polos gerenciam o tempo de ensino a partir de lógicas diferentes e, assim, limitam as possibilidades de realização das atividades docentes, favorecem a incompatibilidade e impõem-se aos professores como um desafio importante no seu cotidiano de trabalho. Apoiamo-nos, também, em Tardif e Lessard (2007, p.76) que falam do tempo escolar como um tempo social e administrativo imposto ou forçado e, por esse motivo, uma das tarefas dos professores é ocupar os alunos com atividades. E, por último, em Zabala (1998), para quem os educandos aprendem de formas diferentes e, portanto, o professor precisa ser capaz de entender (e atender a) essa diversidade existente na sala de aula.

Quanto à metodologia, aproximamo-nos dos estudos de natureza etnográfica, de abordagem qualitativa (ANDRÉ, 1995), que defende a constituição dos dados em contexto escolar real, a partir da interação com os sujeitos e da observação e descrição

exaustiva da sala de aula. Nesse movimento, interpretar e compreender o cotidiano escolar implica considerar as três dimensões que compõem o todo da escola: a institucional, a pedagógica e a histórico-filosófica.

Os dados que vamos analisar foram constituídos no contexto do “Estágio Supervisionado II: Língua Portuguesa e suas Literaturas no Ensino Fundamental (6º ao 9º ano)”, atividade curricular obrigatória do curso de Licenciatura em Letras-Português. Por força de lei, a atividade deve ser realizada em ambiente real de trabalho do futuro professor e deve ser orientada por um docente da instituição formadora e supervisionada por um professor da instituição escolar. Para este texto, recortamos as anotações que fizemos durante o período de observação das aulas de uma professora de português. O campo de estágio/pesquisa consiste em uma escola pública do interior paraense. Importa informar que, desde que o prédio original foi condenado pela defesa civil, já há vários anos a escola funciona em um prédio alugado, com espaços inadequados e precariamente adaptado para atender o alunado.

2 CENAS DIDÁTICAS: O PASSO A PASSO DISPERSO DE UM PROFESSOR DE PORTUGUÊS

Observamos algumas aulas que a professora ministrou em duas turmas: um 7º e um 8º ano, respectivamente. A primeira turma era do turno da manhã, constituída de 35 alunos na faixa etária de 13 anos, a maioria moradora das zonas rurais. A turma seguinte, do turno da tarde, era constituída de 32 alunos que residiam na zona urbana, na faixa etária de 14 e 15 anos. A docente, que vamos chamar de Júlia, tem formação em Letras-Língua Portuguesa, atua na educação há 13 anos, 9 dos quais, na escola em questão. Atualmente, trabalha em três escolas e nos três turnos (manhã, tarde e noite). O quadro 1, abaixo, apresenta o registro de dois episódios didáticos realizados pela professora, um em cada turma identificada acima.

Quadro 1: Comparativo cenas didáticas

Cena Didática 1	Cena Didática 2
Professora: Julia	Professora: Julia
Turma: 7º ano – Manhã	Turma: 8º ano – Tarde
Assunto: Texto e interpretação	Assunto: Leitura e Interpretação
<p>As aulas no turno da manhã começam às 7:15, a professora teria duas aulas seguidas, de 45 minutos, nessa turma. Os alunos estavam na sala, à espera da professora, conversavam entre si. A docente chegou às 7:50 e entrou na sala do 7º ano. O barulho estava alto demais, ela ordenou que ficassem quietos porque os estagiários estavam observando-os. Em seguida, a professora escreveu no quadro “PERDER 1 PONTO”, informando que os alunos que falassem iriam perder 1 ponto automaticamente, e todos ficaram quietos. A professora escreveu no quadro “Texto e interpretação”. O texto era uma crônica intitulada “A causa da chuva”, que estava no livro didático que a professora utilizava. A docente copiou, no quadro, a crônica e, em seguida, sete questões para marcarem as alternativas corretas. Em muitos momentos a docente escrevia, apagava e continuava a escrever. E apressava os alunos para que terminassem de escrever. Vendo que os alunos não terminariam a tempo, a professora começou a ler o texto, porém os alunos não se atentaram à leitura porque estavam escrevendo, muitos deles reclamavam que ainda não haviam terminado de copiar. Então a professora falou que os alunos que fizessem barulho iriam ler o texto na frente da turma. Todos ficaram calados, enquanto a professora lia o texto. Após o término da leitura, pediu para que resolvessem as questões e trouxessem na próxima aula. Neste momento a aula acabou.</p>	<p>As aulas do turno da tarde iniciam às 13:15, a primeira aula era a de Língua portuguesa com a professora Júlia na turma do 8º ano. Teve início às 14:05, horário em que a professora chegou na sala de aula. A professora deu início à aula escrevendo no quadro a página do livro no qual se encontrava o texto e a atividade que iriam usar na aula. O texto era do gênero crônica, intitulado “Alegrias”. A professora disse aos alunos que se tratava de um poema e os orientou que escrevessem no caderno o texto e as questões, copiando do livro didático. Após a proposição inicial, a professora retirou-se da sala por alguns instantes, deixando os alunos na responsabilidade dos estagiários. Os alunos continuaram a escrever o texto e as questões do livro. Depois de um curto tempo, a professora retornou à sala para avisar que iria adiantar aula em outra turma. Então os estagiários fizeram a leitura do texto, juntamente com os alunos, e a correção da atividade proposta. Enquanto os estagiários faziam a atividade com os alunos, a professora veio avisar que teria que dar uma “saidinha” da escola rapidamente. Poucos minutos depois a aula terminou.</p>

Na Cena Didática 1, reclama atenção o fato de a professora chegar bastante atrasada na sala de aula, isto é, a dificuldade que ela tem em gerenciar o seu tempo de ensino. A forma como a professora vai conduzir a aula, em parte, é afetada por essa perda de tempo inicial. Dos 45 minutos da primeira aula, 35 foram preenchidos com o atraso da docente que, então, tenta compensar o prejuízo correndo com o conteúdo. O restante do tempo, embora curto, para o conjunto das atividades que ela implementou, poderia ter sido mais produtivo, se a docente tivesse feito cópias impressas das tarefas discentes. Mas, parece que esse recurso não compunha o planejamento dela, uma vez que gastou quase toda a segunda aula escrevendo as atividades no quadro. Como efeito, o ensino ficou limitado às atividades docentes de copiar no quadro e ler o texto copiado,

sem interagir adequadamente com os alunos que, pressionados pela professora e preocupados em transcrever o conteúdo, para o caderno, não prestavam atenção ao que ela falava. A avaliação da aprendizagem dos alunos também ficou impossibilitada, pois a professora não trouxe, para a cena didática, nenhum instrumento de avaliação, não corrigiu os exercícios nem mesmo abriu espaço para que os alunos fizessem intervenções orais a respeito dos conteúdos copiados, o que permitiria inferências a respeito do processo de aprendizagem dos alunos.

Outro aspecto, talvez também resultante dos problemas de gestão do tempo de ensino, pela professora, é o fato da docente não ter dialogado com os alunos acerca do conteúdo, não utilizou nenhum recurso de linguagem que facilitasse a compreensão da turma, como paráfrases, comparações, ilustrações. Mesmo quando quis reclamar do barulho, o fez por meio da coação, intimidando-os a ficarem em silêncio, estratégia de gestão de classe evidente na ameaça de que perderiam ponto e de que seriam constrangidos a ler na frente da turma. Métodos de ensino em que não há a participação nem a interação dos sujeitos, pouco contribui para o crescimento intelectual dos alunos. ZABALA (1998) lembra que os educandos aprendem de formas diferentes e, portanto, o professor precisa, independentemente do grau de complexidade dos conteúdos a ensinar, ser capaz de entender e atender a essa diversidade existente na sala de aula. Para o autor, não basta o contato com os conteúdos para que a aprendizagem ocorra, é necessário que o educando relacione seus conhecimentos prévios com os novos e que utilize seus esquemas de conhecimento para analisá-los e apreendê-los.

Na cena didática 2, os problemas com a gestão do tempo são mais acentuados. A perda de tempo inicial, provocada pelo atraso da professora, se repete, sendo, neste caso, de mais de 1h/aula. Dos 90 min regulamentares (2 h/a), a professora dispunha, agora, de apenas 40 para ensinar o conteúdo programado. Talvez por isso, na intenção de dar conta do conteúdo a ensinar, ela tenha orientado os alunos a copiarem o texto e as atividades de interpretação diretamente do livro didático. Mas queremos destacar outra forma de gestão do tempo de ensino evidenciada, neste episódio, e muito frequente nas escolas do interior paraense: trata-se do “binar”, um procedimento didático, em que o professor deixa a sua turma realizando uma atividade (seja copiando do quadro ou do livro didático, ou respondendo uma atividade impressa que o professor tenha levado, etc.) e vai adiantar aula em outra turma. Isso acontece quando a outra turma está sem

professor e os alunos, ou vão ficar correndo pelos corredores, fazendo barulho, ou vão fugir, porque não querem ficar várias horas esperando o professor se desocupar. Então o professor fica dividindo o tempo de ensino entre as duas turmas.

Na prática do “binar”, o fato dos professores ora estarem numa sala, ora em outra, acaba fazendo com que os conteúdos ensinados não tenham uma sequência lógica, ou seja, por conta dessa ruptura não há continuidade e/ou relação entre os conteúdos, tal situação foi percebida na cena didática 2, ministrada pela professora. Além disso, as aulas da professora Júlia ficavam muito presas ao livro didático ou ao quadro, cujo conteúdo deveria ser transcrito: os alunos copiavam e respondiam questões sem haver nenhuma interação com o texto, com a professora e nem entre eles mesmos. Nesse cenário, a linguagem é percebida como sistema de comunicação, objeto de estudo imutável, e a atividade de ensino limita-se à escrita reproduzida, com a ausência de atividades sistemáticas de produção e interpretação de texto e de análise linguística.

3 REFLEXÕES DE UM ESTAGIÁRIO DE LETRAS

Convém recordar que o foco deste estudo é compreender como o professor gerencia seu tempo de ensino e se essa gestão produz interferências nas práticas didáticas desse professor (e dos estagiários). Assim, não é nossa preocupação descrever os conteúdos ensinados, nem criticar problemas teóricos ou metodológicos que se insinuam nas práticas da professora. No entanto, é preciso desviar do tom de denúncia que as descrições das cenas didáticas podem incorporar, e que poderia conduzir a uma interpretação distorcida do contexto escolar. Nesse sentido, para evitar o tom de denúncia, é fundamental compreender as práticas da professora a partir das outras dimensões que regulam a escola, a institucional e a histórico-filosófica, dentro daquilo que André (1995) propõe como visão holística da escola.

A dimensão holística nos permite interpretar o atraso da docente, por exemplo, para além da sua responsabilidade individual, e ver a professora Júlia enquanto sujeito sócio histórico, que trabalha nos três turnos e em três escolas diferentes. Além da vida profissional, Júlia certamente tem uma vida pessoal, uma família para cuidar, um corpo que precisa de alimentos, cuidados e descanso. Os atrasos vão-se impondo como consequência dessa roda-viva diária, que deve ser a vida dela, e integrando a cultura escolar. Quer dizer, antes de julgarmos a professora, caberia investigarmos qual é a

responsabilidade do sistema escolar, da forma como ele organiza e administra o trabalho docente e pedagógico na educação básica.

De modo semelhante, é possível compreender a problemática prática do “binar”, enquanto produto do sistema escolar, do modo de organização do ensino e de organização e administração da escola. A prática do “binar”, embora do ponto de vista pedagógico seja muito prejudicial para os alunos, segundo os gestores, mantém os alunos em sala, nos horários vagos, o que é relevante, principalmente considerando que, muitos deles, vêm de zonas rurais, cujos transportes têm horários fixos de regresso para as colônias. Também, não se pode negar que seduz os professores, que podem ir mais cedo para casa.

A respeito da estratégia coercitiva empregada pela professora, para promover a disciplina, não se pode deixar de considerar o contexto imediato da aula, em que os estagiários estavam “observando os alunos”. A professora sabia que era ela que estava sendo observada e intimidar os alunos pode ter sido uma forma de expressar que se sentia coagida pela presença da academia.

O problema da gestão do tempo nas atividades escolares não se limita às paredes da sala de aula, e ao trabalho do professor. Ele aparece em outros espaços hierárquicos relacionados ao sistema escolar. Os professores são cobrados pelas escolas, e as escolas são cobradas por órgãos superiores, que gerenciam a forma como as atividades da escola devem acontecer, ignorando o próprio calendário da escola e as ações planejadas pelos professores para com os alunos. Como ilustração, podemos referir um encontro de formação docente, que ocorreu no mês de agosto de 2018, promovido pelo Centro de Formação de Profissionais da Educação Básica do Estado do Pará (CEFOP) e organizado pela Secretaria de Estado de Educação (SEDUC), via a Unidade Regional de Educação (URE), para os professores da rede estadual de ensino.

No entanto, parece que o evento foi organizado de improviso, sem que as escolas e professores tivessem conhecimento. Durante aquele mês, a minha turma e eu estávamos realizando atividades de Estágio Supervisionado, nas escolas da cidade quando chegou a informação de que as aulas seriam suspensas nos três dias seguintes para que os professores participassem de uma Formação muito importante. Entre os temas de relevância constavam a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Novo Ensino Médio, e as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM).

Mas nenhum dos formadores do CEFOR conseguiu desenvolver a atividade de sua competência como programado: o primeiro dia resumiu-se em apresentações e confecções de crachás e o último, que era dedicado ao planejamento de uma aula de acordo com a BNCC, foi liberado pelos formadores, quando estes perceberam a dificuldade dos professores em planejar.

Dessa forma, o foco da Formação foi mudado, comprovando a fala de Pimenta quando diz que se acreditava (e acredita-se) na ideia de que a reflexão docente sobre o que se faz, diz e pensa, poderiam ser resolvidas com alguns programas de formação, desviando o foco para a experiência e o conhecimento tácito do professor (PIMENTA, 2002).

Esse breve relato aponta problemas de gestão de tempo no nível institucional, uma vez que o evento de formação não constava do calendário escolar anual, e no nível pedagógico, uma vez que as formadoras não conseguiram desenvolver as atividades planejadas, seja porque não planejaram adequadamente as sessões de trabalho, considerando a relação tempo – conteúdo – recursos – estratégia, seja porque não se prepararam adequadamente no diz respeito ao domínio do tema.

Esses problemas na gestão de tempo, acontecem tanto no polo institucional, quanto no polo escolar, “onde tudo é medido, contado, e calculado abstratamente” (TARDIFF; LESSARD. 2007. p. 75), fazendo com que o tempo escolar pareça sempre curto. Esse caráter do tempo, também, aparece nos problemas relacionados ao polo acadêmico, principalmente no que diz respeito à formação de professores, pois, muitas vezes, a parte prática do estágio é inviabilizada, devido ao curto período e à incompatibilidade dos calendários das instituições acadêmica e escolar. No plano de efetivação dos estágios, a distância entre esses dois mundos se materializa nas dificuldades de concretizar uma ação conjunta dos agentes (AZEVEDO. 2015.p. 173), ou seja, são desencontros geridos a partir da relação (ou falta de relação) da instituição acadêmica e instituição escolar.

Esses desencontros acontecem, também, na mesma esfera institucional, neste caso, no sistema escolar. A forma repentina como ocorreu a Formação, é um recorte desse desencontro, pois: atropelou as atividades escolares; prejudicou as atividades acadêmicas, impossibilitando a regência dos estagiários; reduziu a carga horária dos alunos, que já passam tão pouco tempo em sala de aula, devido ao acúmulo de feriados, a problemas de infra- estrutura, a problemas sociais, a atrasos de professores ou à forma

como o professor gerencia o seu tempo em sala aula. Todos esses são fatores importantes, porque influenciam diretamente no ensino aprendido dos alunos, uma evidência de que os problemas de gestão de tempo e planejamentos didáticos estão enraizados no sistema escolar como os jatobás do planeta do Pequeno Príncipe.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.
- BARREIRO, Iraíde. M. de Freitas; GEBRAN, Raimunda. A. Prática de ensino: Elemento articulador da formação do professor – In: *Prática e estágio supervisionado na formação de professores*. São Paulo: Avercamp, 2006, p. 19-36.
- LIMA, Rachel Pereira. O ensino da língua portuguesa: aspectos metodológicos e linguísticos. Revista *Educar*, Curitiba, v.4, jan. 1985, p. 4-19.
- NÓVOA, António. História de vida: perspectivas metodológicas. In: NÓVOA, António (Org.). *Vida de professores*. Porto: Porto Editora, 2007, p. 18-25.
- PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido (Org.). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez Editora, 1996, p. 72-89.
- ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- AZEVEDO, M. da C. *O trabalho do professor formador: O caso de uma professora formadora em uma universidade pública no interior da Amazônia*. Tese Doutorado. Programa Pós-graduação em Educação. USP: São Paulo, 2015. Disponível em: <flacso.org.br/files/2019/01/MARIA_DA_CONCEIÇÃO_AZEVEDO_rev.pdf>. Acesso em: 09/01/2019
- HAEGRAVES, A. *Aprendendo a mudar: o ensino para além dos conteúdos e da padronização*. Porto Alegre: Artemed, 2002.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*. São Paulo SP, Círculo do Livro, 1989. p. 70.
- PIMENTA, S. G; GHEDIN, E. (Org). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez, 2002.

Recebido em 20/5/2019. Aceito: 25/6/2019.

Sobre autores e contato:

Rosivanda da Silva Alves - Graduanda em Letras Língua Portuguesa- Universidade Federal do Pará (UFPA) /

E-mail: wandaalvesufpa@outlook.com

Maria Helena Rodrigues Chaves - Mestra em Estudos Linguísticos (UFPA) /

E-mail: helenarochaves@hotmail.com